



Comunicado de Imprensa

Da IA à competitividade: confiança é o fator decisivo para o crescimento das empresas

No 11.º Congresso da GS1 Portugal, líderes e especialistas debateram o papel da confiança na competitividade, na liderança e na adoção responsável da inteligência artificial.

Lisboa, 12 de outubro de 2026 – “Nenhuma grande transformação acontece apenas porque existe uma nova tecnologia. Acontece quando conseguimos criar confiança suficiente para a utilizar em conjunto. A GS1 Portugal não fornece simplesmente códigos ou standards. Fornece uma linguagem comum para a economia. Uma linguagem que permite que empresas que não se conhecem trabalhem juntas. Que sistemas diferentes se entendam. Que produtos possam ser rastreados. Que a informação circule com maior qualidade e transparência. E que empresas e consumidores possam tomar melhores decisões”. Foi com esta mensagem que arrancou a 11.ª edição do Congresso da GS1 Portugal, dedicado à ‘Economia da Confiança: o novo ativo estratégico das empresas’. Na sessão de boas-vindas, **Pedro Cid, Presidente da Direção da GS1 Portugal**, destacou a importância das competências humanas num contexto de transformação tecnológica, sublinhando que “o futuro pode ser tecnológico, mas a confiança continuará a ser humana”.

À conversa com **Nuno Pinto Magalhães, Chairman da Sociedade Central de Cervejas e Bebidas**, numa partilha de reflexões sobre “Liderança, Empreendedorismo e Formas de Acrescentar Valor”, **Filipe de Botton, Executive Chairman da Logoplaste**, salientou que não tem clientes, mas sim parceiros, “porque (...) uma relação de proximidade, exige que exista confiança”. Botton define confiança como a palavra mais importante em qualquer relação, acrescentando que não existe uma razão de sucesso, “é um somatório de razões que levam ao sucesso”. À nova geração de empreendedores deixa conselhos: “ser diferente” e “olhar para a inteligência artificial como um instrumento e não como um substituto. A capacidade de juízo humano não deve ser substituída”

A esta perspetiva empresarial juntou-se a visão do financiamento. **Luís Guimarães, Chief Commercial Officer do Banco Português de Fomento**, defendeu que a confiança permite avançar com um negócio mesmo quando o seu potencial ainda não é plenamente conhecido. O responsável explica ainda que, num modelo de financiamento assente em garantias, a confiança é a base da relação entre o banco e as empresas. Deixou ainda a mensagem de que as empresas podem contar com o Banco Português de Fomento para parceria em qualquer projeto de Internacionalização.

Depois dos temas da confiança nas relações empresariais e do acesso ao financiamento, o debate avançou para as condições necessárias ao crescimento da economia. **Gustavo**



Duarte, Presidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, defendeu que os próximos dez anos serão decisivos para reforçar a competitividade do país. Na sua perspetiva, Portugal tem capacidade para competir ao mais alto nível e, quando atua nos mercados internacionais, demonstra com frequência um desempenho superior ao de muitos outros países. No entanto, considera que o principal entrave à competitividade continua a ser o tempo dedicado a tarefas não produtivas, defendendo a necessidade de reduzir a carga administrativa, melhorar a qualidade dos dados e criar um enquadramento mais previsível para as empresas. “Liderar é transformar incertezas em regras”, afirmou, acrescentando que “a confiança não se declara: mede-se, cumpre-se e partilha-se”. Sublinhou ainda que “é crítico gerar confiança”, mas que para isso é necessário perceber, conhecer a realidade e agir sobre ela, reforçando que “a falta de dados em Portugal é brutal. É importante medir antes de legislar”.

Depois de analisadas as condições económicas e organizacionais para gerar valor, a reflexão entrou no campo da inteligência artificial. **Ana Paiva, Professora Catedrática de Inteligência Artificial do Instituto Superior Técnico**, apresentou as oportunidades e os desafios associados à crescente autonomia dos agentes de IA, defendendo a necessidade de uma confiança calibrada à medida que os sistemas demonstrem competências adequadas. Nas decisões com elevado custo de erro, relembra que o controlo deve permanecer humano, acrescentando que a responsabilidade não se delega.

A necessidade de manter a responsabilidade humana sobre a tecnologia ganhou uma dimensão mais ampla na intervenção que encerrou os trabalhos da manhã. **Paulo Portas, Ex-Vice-Primeiro-Ministro e Docente na NOVA SBE**, analisou as mudanças no equilíbrio geopolítico e os principais desafios que se colocam à Europa, destacando a demografia, a energia, a produtividade e o investimento em inovação. O antigo governante alertou que todas as reformas de que a Europa precisa não são possíveis com extremos, defendeu que os Estados Unidos precisam de uma liderança inspiradora e unificadora e, sobre a China, assinalou os desafios internos do país. Já no plano da IA, considerou que a tecnologia não deve ser encarada de forma genericamente positiva ou negativa: apresenta potencial em áreas como a produtividade, saúde ou envelhecimento, mas levanta questões quanto ao impacto no Emprego, Justiça ou Defesa. Defendeu, por isso, uma linguagem mais acessível e a manutenção das decisões de segurança e defesa sob controlo humano. Para reflexão questionou se a solução estará entre o “dramático excesso de regulação da Europa e o dramático excesso de desregulação dos EUA”.

Retomando o impacto da inteligência artificial nas organizações, **Arlindo Oliveira, Presidente do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores (INESC)**, destacou o efeito da tecnologia nos modelos de negócio, impulsionado por computadores mais rápidos, maior disponibilidade de dados e avanços nos algoritmos. Entre as tendências, apontou os agentes de IA e o seu potencial para aumentar a produtividade e criar novos modelos de negócio, sublinhando, contudo, que os sistemas não conhecem

**GS1 Portugal**

A GS1 Portugal – Codipor é a organização responsável pela introdução do código de barras em Portugal há 40 anos. É uma Associação de direito privado, sem fins lucrativos, neutra e multissetorial, declarada entidade de utilidade pública. Mais de 9500 empresas aderiram e acreditam no Sistema de Standards GS1 para transformar a forma como trabalhamos e vivemos. Somos uma das 120 organizações-membro da GS1 e a entidade autorizada para gerir o Sistema de Standards GS1 em Portugal.

Informações adicionais em <http://www.gs1pt.org>